

JB
31/8/97 35
177

A inimiga número 1 dos programas ambientais

Saibreira atua ilegalmente há anos em área do Parque Estadual da Pedra Branca

O buraco na encosta do Morro do Cachambi, na Serra do Engenho Velho, Jacarepaguá, é enorme. Mas a polêmica que o cerca parece não caber lá dentro. O funcionamento de uma empresa de exploração de saibro na área, que fica dentro da zona de influência do Parque Estadual da Pedra Branca, é uma das maiores dores de cabeça ambientais da cidade. Desde 1990, a prefeitura tenta, tenta, tenta, e não consegue impedir que o empresário Manoel Crispim continue explorando a retirada ilegal de toneladas de terra e pedras por dia dali.

A irritação é tão grande que o secretário municipal de Meio Ambiente, Maurício Lobo, chega a exagerar. "Este homem é o maior vilão do meio ambiente carioca que já existiu. Deveria estar na cadeia", brada Maurício. A pendenga entre Manoel Crispim e a prefeitura é tão complicada que nem o secretário lembra ao certo quando começou. "Sei que ele tinha uma licença de exploração que venceu há muitos anos. Desde então, alega que está recuperando o terreno, mas na verdade continua a explorar o que não lhe pertence mais", diz.

Sem licença – A saibreira de Crispim tem uma extensa folha corrida. Além de trabalhar sem licença e invadir terrenos que não lhe pertencem numa área de proteção ambiental, está a mais de 100 metros acima do nível do mar, onde o funcionamento de atividades de extração mineral é proibido. Já foi multada dezenas de vezes, embargada pela Geo-Rio, é alvo de processos fundiários na Secretaria de Urbanismo, já sofreu sanções do Ibama e é personagem até mesmo de um inquérito policial.



Em plena luz do dia e ferindo a legislação municipal, as máquinas escavam a Serra do Engenho Velho

"Mas ele sempre recorre a inúmeros recursos jurídicos, que deixam a fiscalização atada", explica, frustrado, Eduardo Rodrigues, gerente de fiscalização da Secretaria de Meio Ambiente, que lida mais diretamente com o caso. No último desses recursos, diz Eduardo, Manoel Crispim mudou o nome de sua firma, a CGA Locadora de Máquinas, para Avatar.

No começo do mês, funcionários da secretaria,

mais uma vez, estiveram no local e interditaram a saibreira. Terça-feira passada, porém, a reportagem do **JB** esteve lá: tratores, retroescavadeiras e caminhões basculantes funcionavam a todo o vapor. O empresário Manoel Crispim defendeu-se. "Meu negócio não é exploração mineral. Sou dono do terreno e estou ter-
raplanando para construir uma escola", alegou. Como não é preciso ser *expert* para notar que caminhões lo-

tados de areia e pedra deixavam o local de cinco em cinco minutos, Crispim se apressa em mais uma justificativa: "Estou estabilizando uma terreno muito amplo. É natural que sejam retiradas quantidades grandes de terra. Onde vou enfiar tanto saibro se não vender?", perguntou. Seus empregados, contudo, recusam-se a comentar o que faziam ali.

Mais triste que isso, porém, é constatar que a saibreira de Crispim é apenas uma das dezenas de atividades ilegais que aos poucos vão fazendo das encostas do maciço da Pedra Branca uma massa de mórros carecas, esburacados e queimados. O desmatamento nas áreas de influência do parque estadual, que incluem também os bairros de Bangu, Campo Grande e Água Santa, não foi sequer calculado. Mas não é difícil supor que a perda é de grandes proporções.

Criações ilegais – Há na região pelo menos outras dez pedreiras e saibreiras como a de Manoel Crispim. Menores, mas igualmente irregulares. Pior: segundo o coordenador de recuperação ambiental da Secretaria de Meio Ambiente, Celso Junius Ferreira Santos, o maciço sofre cada vez mais com criações ilegais de porcos, cavalos, cabras e até bois, além das plantações de bananeira. "As bananeiras tiram a fertilidade e tornam o solo instável, sujeito a deslizamentos. E as criações geram pastos, que como todo mundo sabe, são renovados à base de queimadas", diz.

Por essa razão, nas encostas do maciço da Pedra Branca praticamente não funciona o trabalho de reflorestamento da prefeitura. "Temos projetos ali, mas todos eles passam por sérias dificuldades. O que em alguns bairros conseguimos em poucos anos, nas áreas do maciço da Pedra Branca, se continuar do jeito que está, deveremos levar décadas", prevê Celso Junius.